

OS enigmas da oferenda

Carolina Luiz¹

Naquela tarde de janeiro, o tempo estava extremo. O calor resistiu, férreo, até a hora derradeira. “Golden hour” — eles dizem, sem nem mesmo olhar para seus relógios dourados, é a luz que faz o nome. Outros não saberiam dizer que hora é essa, nem mesmo se lhes dissessem “hora dourada”. Mas também para estes, era maravilhosa: a hora de ir para casa — desligar as máquinas, bater o ponto, dar saída, passar o dedo e ir embora. Estes e aqueles não podiam ignorar o milagre diário da escatologia solar.

É verdade que o sol se levanta sobre maus e bons. E também, quando se deita é para todos. Ainda assim, naquele dia, não parecia ser desse jeito. Sobre o canto da cidade onde o fenômeno ocorreu pela primeira vez, havia se adensado uma imensa nuvem, mais escura que a fumaça das fábricas. O horizonte, contudo, permanecia límpido—ou, ao menos, conservava essa aparência. E lá, longe da abóbada de chumbo e seus arcobotantes de cores extraordinárias, o sol se deitava, exausto. Cinzas fechados ou lívidos, azuis misteriosos, vermelhos intensos e profundos, violetas metálicos, laranjas róseos, rosas brilhantes e amarelos incandescentes. Palavras inúteis para descrever o céu de um dia que se acaba com tanto drama, como se lutasse para sobreviver. Inúteis, porém necessárias para fazer entender que todo o dourado, dourado mesmo, estava despejado sobre a terra e seus seres, aquele céu não havia guardado nenhum ouro para si.

O dia estava esgotado, totalmente absorvido em si mesmo. Tão saturado de verão e de trabalho que não permitia conceber outro tempo. Aquele entardecer, terminal, ofuscou todo futuro possível e todo passado estimado, um único pedaço de tempo fundia a eternidade, alaranjada como o metal líquido. Fosse o dia uma criatura viva, um ser consciente ou, até mesmo, uma entidade animada, diriam que fez de propósito. Sem querer abrir mão do calor trazido graciosamente pelos rosados dedos da aurora, reprimiu as nuvens e ignorou que o sol, violento, já estava junto ao horizonte. Diriam, provavelmente, que o dia descontrolou-se quando, subitamente, deu-se conta de que estava velho. Tivesse sangue, tivesse ossos, o dia não suportaria tão bem a assídua opressão do tempo, não reagiria com tanta beleza e prodigalidade. Mas afinal, se tivesse um corpo, seria feito de tempo, a matéria mais resistente de todas, quiçá, por não ser matéria. Foi mesmo de propósito, então, foi a propósito de purgar-se do seu eterno envelhecer, que aquele dia se desfez num incêndio de cores, até rasgar-se em ventos, relâmpagos e, finalmente, água.

Também a chuva cai sobre justos e injustos, ou qualquer par de opostos que se pretenda proverbialmente igualar. À exceção, inegável, da diferença entre os que encontraram abrigo ou não. É impossível afirmar que toda aquela gente previu o

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), desde o mestrado pesquisa as relações entre história e ficção com financiamento da Capes. E-mail: cbsluiz@gmail.com.

que aconteceria, mas, antes que a primeira gota tocasse o chão, houve uma notável debandada. As pessoas bateram em retirada, buscando guarida nas mesmas caixas de concreto das quais estavam fugindo. Certamente não previam nada, apenas viam, ouviam e intuía, sem saber o que deviam temer e o que podiam gozar. Poucos foram os que, mesmerizados pelo espetáculo de luzes, cores, contrastes e estrondos, sentiram as primeiras gotas, ainda menos, os que sobreviveram.

Muitos viveram a tragédia, poucos experimentaram o milagre. Aqueles que, na longa diversidade do tempo, buscaram interpretar os relatos primários, sempre imaginavam ter alcançado o que verdadeiramente aconteceu. Entretanto, fossem contos lendários ou análises científicas, todos produziam versões refinadas, muito distantes da brutal confusão vivida naquele dia. Culpa do futuro, quem sabe. Mas, porventura, tal ofício seja apenas uma quimera. Como unir, numa mesma narrativa, visões mágicas, mortes excruciantes, júbilo coletivo, luto, desespero, esperança, euforia, horror? Manter-se insensível, ao mesmo tempo, a tamanha alegria e tamanha dor, seria uma monstruosidade que, felizmente, faltava aos seres humanos do futuro. Já não existia nenhum monstro, bifronte ou sem face, capaz de compreender plenamente aquele evento exordial. De um lado, as histórias expurgavam as narrativas de todo o fantástico—claras fantasias produzidas pela ignorância, pelo medo, pelo inesperado, pois as testemunhas não eram capazes de reconhecer o que não conheciam. De outro lado, as narrativas reparavam os testemunhos, pois a ignorância, o medo e o inesperado fizeram os sobreviventes recalcarem toda a mística do milagre. Estes e aqueles oscilavam em seus julgamentos morais, acautelando-se em débeis tentativas de imparcialidade.

Quando as primeiras gotas, ainda tênues, soltaram-se das nuvens, o vento era mais forte que elas. Só com muita dificuldade alcançavam o chão, antes, eram arremessadas para lá e para cá, em jatos e torvelinhos, muitas nunca chegaram ao seu destino, desapareceram como vapor. As fímbrias do sol, que desertava, lançavam suas derradeiras e furiosas centelhas. Ali, naquela planície, onde nenhum desnível sobreviveu aos milênios de intempéries naturais e aos séculos de ocupação humana, os desesperados raios atravessavam a esparsa cascata num ângulo quase reto. Assim, aquelas gotas, gotículas e vapores, dançavam ora como múltiplos e mutantes arco-íris, ora como um estranho tipo de orvalho dourado, depositado não em sólidos que amanheceram ao relento, mas nos resistentes feixes de luz que desafiavam o devir do tempo. Trazidas pela água, aquelas magníficas cores desceram à terra, onde finalmente encontraram o dourado que lhes havia abandonado. E foi esse reencontro caótico e alucinado que se descortinou aos olhos de milhares de pessoas, muitos dos quais nunca mais viram nenhuma outra coisa.

Os olhos que, apesar de protegidos do ácido e do desespero, ainda alcançavam os céus, vislumbraram uma beleza ainda mais drástica que a anterior. Muitos disseram que faltavam palavras para descrever aquele quadro, mas, decerto, só faltaram poetas. Uma pena que a chuva régia, como foi batizada, não caiu do outro lado do rio, onde altos e envidraçados prédios teriam proporcionado uma visão formidável. Ali, as construções também eram enormes, algumas ocupavam todo o quarteirão, só não cresceram em direção ao céu, raras as que tinham dois andares ou pouco mais. As janelas, quando as havia, eram pequenas e com vidros cobertos de fuligem, que mantinham o sobrenatural lá fora. Os indivíduos dentro dos carros ou sob as ocasionais marquises, onde havia calçadas que as suportassem, tinham a visão reduzida pelas mesmas estruturas que os protegiam.

Nem todos que estavam desabrigados perceberam imediatamente que aquele líquido não era água. Os poucos indivíduos que, apesar do calor, estavam com a pele coberta, não sentiram logo as queimaduras. O que não foi nenhuma sorte, porque, sem sentir o efeito corrosivo da chuva nos braços, pernas e torso, não protegeram o rosto e os olhos. As pessoas corriam pela rua procurando abrigo, mas quando o ácido lhes atingia os olhos, não conseguiam mais correr. As tentativas resultavam em quedas, trombadas e atropelamentos. Os motoristas, embora protegidos, também se apavoraram quando os pedestres começaram a correr em direção a seus carros, batendo nos vidros, forçando maçanetas, berrando ininteligíveis pedidos de ajuda. Os veículos, repentinamente imprevisíveis, colidiam ainda mais violentamente que as pessoas. Mal havia começado a babel de urros, clamores, buzinas, freadas e colisões e tudo mudou outra vez.

Assim que o sol completou a sua fuga, as cores e as nuvens responderam, imitando-o, espelhando-o, modulando os tons que ele deixou ressoando. Durou apenas alguns instantes. O sol se foi, sua cauda já não atravessava os céus em tenazes lâminas, sobraram apenas ecos distantes, desvanecendo aos poucos, como sombras de uma luz dispersa. Então, aqueles que ainda podiam abrir os olhos entenderam finalmente que a cor da chuva não era apenas um efeito das lanças solares. A substância que se despejava das alturas era de um âmbar alaranjado que ninguém tinha visto na vida real. Aquela cor, aquela textura, aquela fluidez, aquele brilho, não podiam coexistir num mesmo composto, aquelas propriedades pertenciam a universos excludentes entre si. Um líquido como aquele existia apenas em obras de arte — cinema, pinturas, imagens digitais e, sobretudo, animações japonesas. Para completar a sensação de delírio daqueles que escaparam das gotas, elas iam avermelhando-se enquanto caíam, transformando as ruas em arenas ensanguentadas.

Mais tarde, os cientistas descobriram que se tratava de uma combinação de ácido clorídrico e ácido nítrico. Uma descoberta revolucionária, já que, até aquele momento, a instável mistura nunca fora encontrada na natureza. Não foi surpresa para nenhuma das testemunhas oculares quando os estudiosos lhes contaram que aquele líquido chamava-se “água régia” e havia sido criada por um mago alquimista durante a Idade de Ouro Islâmica, o que equivale a dizer que aconteceu na Idade das Trevas do Ocidente. Não obstante, *أبو موسى جابر بن حيان* poderia também ser designado não como mago, mas como químico e cientista, pois descobriu e descreveu a substância e muitas das suas raras propriedades, entre elas, dissolver ouro e outros metais nobres — daí o epíteto régio. Jabir ibn Hayyan foi o nome que os ocidentais usaram por séculos, enquanto ainda havia o costume de referenciar os mestres do mundo árabe. Quando a sua água régia caiu do céu, todos passaram a conhecê-lo, e nas conversas em todos os bares, praças, salas de aula e ambientes virtuais era chamado, trivialmente, de Geber.

Houve apenas um breve intervalo para perceber que não era o sol que resplandecia sua cor através daquela chuva. Poucos minutos que pareceram um instante para os que estavam protegidos, vendo o admirável líquido passar gradualmente do amarelo ao vermelho, enquanto caía. Poucos minutos que duraram uma eternidade, para os que sentiram a pele, os olhos e as narinas queimando, pois a maldita chuva desprendia gases tóxicos. Abruptamente, ainda que anunciado por um trovão ensurdecidor, o líquido deu lugar a imensas pedras de gelo, brancas como deviam ser. A princípio, um alívio, as pessoas conheciam granizo — granizo

não queima, não cega, não asfixia. Todavia, era um falso consolo. As pedras quebraram os vidros dos carros, destruíram guarda-chuvas e toldos e abateram inúmeras pessoas, atingidas na cabeça.

Outra eternidade se passou. Um inferno para os desprotegidos, do lado de fora; um purgatório para os espectadores, dos lados de dentro. Era de se esperar um céu, finalmente — não aquele que os castigava, claro — o outro. E foi isso que os sobreviventes, vítimas e testemunhas dos céus, pensaram ter recebido: a célebre chave dourada, que abriria as portas do paraíso.

Na terra, os paraísos são muitos, mas aquele lugar já não era um deles há bastante tempo. Aquelas pessoas talvez nem reconhecessem um paraíso terreno, tão longe estavam, mesmo na memória. A maioria delas nunca havia visto nenhum, só pela televisão. Para chegar, entrar e viver nesses paraísos não era preciso ser puro ou se arrepender de não ser; era preciso enriquecer ou ter nascido assim, afinal, as crianças nascem puras e a elas pertence o reino dos céus. Nenhum jurista ou exegeta foi capaz de precisar se as crianças ricas também teriam dificuldade em passar pelo buraco da agulha, talvez por isso, à guisa de solução da antinomia, garantiram-lhes paraísos terrenos. Por outro lado, os paraísos celestiais estavam ampla e vividamente enraizados na imaginação de todos — sem distinções que as bem aventuranças da vida eterna viriam compensar.

A tempestade, por fim, acabou. A noite avançou sobre o campo de batalha rapidamente. As nuvens, traidoras, dispersaram. A imensa guarnição que haviam formado estrategicamente sobre aquele ponto da cidade, desfraldou-se completamente ao longo de toda a extensão do firmamento. Embora fossem, agora, não mais que uma delgada cortina, ainda eram o suficiente para ocultar todos os vestígios do sol, garantindo a pronta e completa hegemonia da noite. A despeito da tamanha revolução, as luzes urbanas acenderam como deviam. Seria preciso que as pedras tivessem sido atiradas de baixo para destruir os lumes de vidro. E naquela região quase não havia árvores que o vento pudesse derrubar sobre os fios elétricos. Sorte das árvores.

As pessoas foram, aos poucos, acordando dos desmaios, do desespero, da fascinação — ou não. Os que recobram a consciência entenderam depressa que havia acabado e, só então, conseguiram sair daquele momento infinito que os tinha capturado, para pensar no que fazer em seguida. Enquanto assimilavam a situação, o gelo derretia. Homens e mulheres tentavam levantar e ajudavam-se, quando entendiam que o corpo mais próximo já não podia ajudar nem ser ajudado, buscavam os celulares para pedir socorro. Os urros e lamúrias indistintos convertiam-se em tentativas de explicação, do outro lado, ninguém entendia. Contudo, em meio aos diálogos desesperados, havia vozes quase tranquilas e falas breves. Estavam vivos, era o essencial a comunicar e a saber.

Os que, apesar de vivos, não conseguiram levantar foram os primeiros a perceber: o chão estava coberto por um finíssimo pó dourado. Também foram os caídos que menos se detiveram pelo receio inicial de tocar aquele pó, afinal, jaziam sobre ele. Pouco depois, a maior parte dos viventes e sobreviventes estava de joelhos nas ruas e calçadas, não para socorrer os gravemente feridos, acalmar os cegos, ou verificar o pulso dos exânicos, mas para varrer com os dedos toda a poeira áurea que conseguiam.

Usavam as mãos e todo o antebraço para juntar o pó, não fossem pelos cadáveres também espalhados pelo chão, os queixumes dos feridos e os clamores

dos cegos, eles pareceriam menos com mercenários à rapina e mais com crianças que, por capricho, recolhem os confetes do carnaval. As crianças não se importam com a sujeira e sempre catam tesouros sem valor que encontram pelos caminhos cheios de escória. Do mesmo modo, aquelas pessoas fecharam os olhos à destruição e ao sofrimento, para agarrar o que podiam. Estavam habituadas a isso.

No dia seguinte, a inquietação se alastrou extraordinariamente pelo globo. A chuva ácida gerou grande aflição, porque o teor de acidez daquela substância era altamente preocupante, não havia registro de uma precipitação tão corrosiva. A imprecisão das informações não impediu a proliferação de teorias, pelo contrário: um ataque; um teste; um acidente de laboratório; um milagre; um castigo; o fim do mundo. Para os milhões de especialistas conectados à rede mundial, a hipótese de tratar-se apenas de um fenômeno natural ainda desconhecido pareceu deveras sem graça e improvável. As ciências da natureza estavam mais que consolidadas, sua designação como “exatas” inspirava imensa confiança. Não era concebível que os químicos, meteorologistas, físicos, geólogos e todos esses cientistas sérios, munidos de avançados laboratórios com máquinas potentes e precisas, pudessem desconhecer um fenômeno daquela magnitude. Em compensação, as ciências humanas continuavam absolutamente incapazes de prever o comportamento das pessoas—à exceção dos publicitários, embora nem esses acertassem sempre. Assim, grandes líderes políticos e empresários multibilionários eram os principais suspeitos, certamente responsáveis pelo magnífico desastre, tendo concorrência apenas das entidades metafísicas e extraterrestres.

O alto número de mortos e feridos, com muitos cegos e queimados, a insuficiência de leitos hospitalares, o esgotamento dos bancos de pele — todos esses eram problemas menores e localizados. A violência do ácido e das pedras de gelo tornava-se notícia velha com uma rapidez desconcertante, à medida que novas vítimas tomavam o lugar das velhas. Para compensar a absurda falta de vídeos que mostrassem satisfatoriamente a tão esplêndida tempestade, pululavam filmagens ao vivo de quedas dos telhados, onde muitos subiam para colher o finíssimo ouro ali depositado; de muitas brigas e tumulto da multidão que acorreu ao local; e, logicamente, da violência policial que se fez necessária para conter a turba.

No entanto, a maior fonte de desassossego era, sem dúvida, o preço do ouro. Antes mesmo que as autoridades, oficiais ou não, confirmassem efetivamente que aquele pó dourado não era qualquer outro material apenas semelhante ao metal precioso, o mercado financeiro estava enlouquecido. Quando a confirmação foi divulgada e, por fim, todos souberam que aquele ouro era tão puro quanto se pode ser, os pregões foram interrompidos. Deviam voltar depois de uma hora, mas, líderes políticos e economistas estavam todos de acordo — era uma ocasião realmente extraordinária. Não houve mais negociações naquele dia.

Dia após dia, o preço do ouro continuava caindo, embora o metal já não caísse do céu. Contra todas as recomendações governamentais, gente de toda parte fazia a peregrinação até o pobre bairro industrial onde, em dois dias, morreram 267 pessoas. Não se soube com exatidão quantos desses óbitos foram causados diretamente pelo ácido e pelo gelo, pois as mortes por atropelamento, pisoteamento, queda e armas de contenção — incluindo os eficientes fuzis— foram incluídas na conta do desastre natural. Uma imensa quantidade de moradores de rua de toda a cidade abandonava as regiões centrais e as proximidades dos bairros nobres para ocupar os diversos galpões abandonados e terrenos baldios da região. A força

policial designada não era suficiente e, em minoria, precisavam defender-se. O tom avermelhado que a água régia deixou nas ruas era continuamente renovado, um novo mar vermelho para um novo êxodo. Todos os dias, mais números que já não podiam ser somados aos 267. Apesar do luto oficial, o prefeito recebeu com grande alegria as análises que apontavam as vantagens eleitorais desse fluxo generalizado da população em situação de rua. Depois de uma semana, revogaram-se todas as ordens especiais e o local já não tinha restrições. Os trabalhadores podiam voltar aos seus postos e todos recuperaram a liberdade de morrer onde quisessem.

O bairro mudou como mágica, barracas de comércio e barracos de moradia brotaram do chão, como se ácido e sangue fossem adubo. As ruas já não tinham aquela pulsação familiar, de gente que circulava nos mesmos horários e caminhos no ritmo dos dias; o tácito caos urbano voltava a se manifestar em alto e bom som. Camelôs apregoavam capas de chuva ultra resistentes, vassourinhas em par com pequenas pás, mini aspiradores sem fio, óculos de mergulho, máscaras, luvas, cadeiras de praia e cerveja. O desespero havia se tornado espera.

Enquanto isso, os cientistas não entravam em acordo sobre as causas do fenômeno. Diversas explicações perfeitamente lógicas mas completamente não refutáveis foram oferecidas — o que era tão bom quanto nenhuma. Os ambientalistas salientavam que quase todas as explicações apontavam a poluição e o desmatamento como causa principal do desastre — aquecimento global ou não, a culpa era dos seres humanos. Os economistas também não entravam em consenso. Mesmo assim, fossem críticos ou entusiastas da chuva régia, todos encerravam suas falas e textos com a imensa ressalva de que tudo dependia da reincidência e possível frequência do evento.

Na segunda semana, outra chuva torrencial se abateu sobre o local. A enchente formou-se numa velocidade incomum, pois todas as bocas de lobo estavam cobertas por tecidos que serviriam de filtro para o ouro. Mas a minúscula quantidade de ouro retida nesses aparatos vinha de frinchas intocadas onde alguns grãos esconderam-se desde a sua queda, dias antes. De resto, apenas terra e todo tipo de desejo, humano inclusive. A decepção dos peregrinos foi ainda maior quando a crescente enxurrada lhes carregou as barracas, barracos e produtos. Choveu a noite inteira, nem ácido, nem ouro, só água insistente. O sol trouxe uma nova manhã que dissipou a chuva. Antes do almoço — que nem todos tinham, mas todos sabiam a hora — já estava tudo seco, mesmo assim, nem todos os ambulantes voltaram. Muitos dos recentes moradores também foram embora, depois de perderem seus barracos ou papelões. Então, no dia seguinte, uma nova chuva régia aconteceu.

Dessa vez, a chuva esperou o sol ir embora. Era noite fechada quando o temporal abriu os céus. Não houve granizo, só inesperados ácido e ouro, que caíram há oito mil quilômetros de onde eram esperados com tantos preparativos e anseios. O dilúvio caiu por várias horas e, antes que acabasse, já tinha deixado centenas de feridos pelas ruas. Não pelo ácido, porque havia pouca gente ao relento quando as primeiras gotas tóxicas surpreenderam os transeuntes, mas sim pelas brigas e trocas de tiros entre as pessoas que saíram de suas casas, bares, prostíbulos e outros lugares noturnos já avisadas e protegidas — do ácido e do resto.

Segundo estimativas, a primeira ocorrência não poderia ter rendido mais que 25 quilos de ouro. O que era a insignificante marca de 0,025% da extração anual de ouro do país. O novo episódio, por sua vez, produziu 100 quilos, no mínimo.

Analistas apontaram que as pessoas não eram fonte confiável de informação e que as autoridades não tinham meio de medir, sem aviso prévio, as dimensões reais da colheita. Portanto, a margem de erro era imensa, entre 100 a 250 quilogramas—eram os números oficiais da nova chuva. Mesmo considerado o teto da estimativa, o montante não passava de 0,05% da produção aurífera do segundo país, onde a mineração era a alma da economia nacional. A despeito de todas as ressalvas sobre a insignificância das minas celestes, o preço do ouro voltou a despencar. Os gurus do mercado financeiro argumentavam que o ouro convencional envolve uma complexa cadeia de produção, com muitos custos, estruturas e investimentos; ao passo que o ouro que cai do céu sem nenhum custo, entra no mercado de forma predatória, derrubando os preços, de modo que o produto das mineradoras chega ao mercado com valores inferiores aos custos para extraí-lo—custos esses não apenas financeiros, mas humanos e socioambientais. Indiferentes à perfeita lógica dos analistas, que quase ninguém entendia muito bem, as pessoas comuns vendiam obstinadamente o ouro que tiravam dos cofres, caixas de sapato, potes de biscoito, caixinhas de música, buracos no quintal e outros inusitados esconderijos. Era gente que transformava suas reservas em ouro exatamente porque a concretude do metal lhes inspirava segurança, diferente desse mercado financeiro das máquinas e redes de computadores, movida a dinheiro que não existe, inventado pelos governos. Estes, por sua vez, também tinham grandes reservas em ouro e estavam quase tão alarmados quanto o mais simplório poupador. Crises políticas irrompiam uma atrás da outra. Quando o ouro caiu a índices que governantes e velhos sovinas nunca tinham visto em suas vidas, mesmo as mais longas, eles se rendiam. Alguns renderam a própria vida, em ataques do coração, acidentes vasculares cerebrais e suicídios. Uns morriam, outros viravam piada, sobretudo os tradicionais defensores da volta do ouro como lastro monetário. Às vezes, uns e outros eram os mesmos.

As comunidades científicas e urbanas estavam em ubíqua ebulição. Agora era um caso global. Comparações entre as duas ocorrências permitiam um grande avanço nas avaliações do fenômeno. E, a partir de um paralelo entre as localidades, era possível prever minimamente onde esperar novas manifestações. Eram cidades no hemisfério sul de latitude semelhante, apesar da distância continental. Os alvos foram velhas zonas industriais, com toscas fábricas de tecido, de beneficiamento de couro, de tinta, de fogos de artifício — todas com maquinário obsoleto, insumos baratos e produtos de baixo valor agregado, nada como joias ou tecnologia. As áreas estavam à beira de rios muito poluídos que um dia foram as margens das cidades, mas que, com o malthusiano crescimento destas, foram fagocitadas, transformando-se em ilhas insalubres cercadas pela imensidão urbana — bairros sem árvores, parques, praças, escolas, nem hospitais. Na verdade, diversos lugares enquadravam-se no perfil, ainda assim, o cotejamento de dados foi tomado como uma possível dianteira.

Proliferavam *lives*, mediadas ou não, entre testemunhas da primeira e da segunda chuva, dividindo e comparando as incríveis experiências—diziam chamadas e legendas. Um jovem músico tornou-se uma celebridade relâmpago porque era o único indivíduo que estava nas duas cidades, nos dois diferentes momentos. Ele não era nenhum turista, apenas um imigrante desistente que havia acabado de voltar para a casa de sua mãe, no seu país, porque estava a um triz de passar fome na boêmia cidade estrangeira, onde tocava em bares, nos quais também trabalhava como garçom. Depois, averiguou-se que ele, de fato, estava na primeira

cidade, porém, muito longe do evento, já que era um imenso centro urbano. Ele só passou pela área depois que não havia mais nenhuma restrição policial. Na segunda vez, ele só chegou ao local quando a notícia havia se alastrado, viu a chuva, mas não ficou muito tempo, temendo os tiroteios. Apesar disso, ficou sob os holofotes tempo o suficiente para ter milhões de visualizações nos vídeos das suas músicas e milhares de seguidores, o que lhe rendeu um contrato com uma grande gravadora. Ele não colheu nenhum grama de ouro, aquilo que conseguiu catar às pressas, antes de voltar para o carro com os amigos, acabou se revelando apenas terra. No fim, acabou ganhando de presente um vidrinho com alguns grãos sagrados. Visto que o pó dourado passou a ser vendido como relíquia, mais cara que o ouro.

Estudos científicos, análises holísticas, opiniões individuais, previsões generalistas, palpites certos e interpretações metafísicas circulavam indistintamente. Pululavam listas de cidades e bairros que se encaixavam nos padrões estabelecidos pela precisa média entre as duas localidades. Estações meteorológicas foram instaladas nas proximidades dos possíveis locais. Nesse ínterim, centenas de cidades vivenciaram deslocamentos populacionais inusitados. Homens e mulheres sem casa decidiram levar tudo o que chamavam de casa para onde choveria ouro; os sem emprego trocavam as filas das agências de emprego, os semáforos, os sofás e as sarjetas, pela flânerie nos bairros escolhidos. O comércio ambulante fervilhava, vendedores experientes que só trocaram de lugar e produtos, ou novos empreendedores cheios de esperanças e boas ideias. Vendiam de tudo, inclusive o próprio corpo, enquanto desejavam, um dia, não precisar vender mais nada.

O tempo passou, mês após mês, sem nenhuma chuva régia. Mas todos os seguidores da chuva tinham a inexplicável certeza que ia acontecer de novo. Vontade, era a explicação. Prudentemente, muitos países criaram legislações que abarcassem a nova fonte de riqueza. Os recursos minerais são bens do Estado, porém, regular algo que cai do céu parecia uma tarefa difícil. Felizmente, juristas e especialistas em segurança tinham métodos de normatização para absolutamente tudo e tinham vasta experiência nas suas aplicações. Entre outras medidas, a mais popular, logo aprovada não apenas nos países atingidos e prováveis, como também pelas organizações mundiais, foi criminalizar o porte de ouro em pó. Alguns países definiram que o ouro do céu só poderia ser coletado pelo Estado e iria direto para as reservas nacionais. As grandes mineradoras deixaram de injetar seu ouro no mercado, optaram por esperar a alta, que certamente viria, quando as novas leis fossem implementadas.

Depois de seis meses, sem nenhum ouro caindo do céu, voltou a valer a pena, financeiramente pelo menos, comercializar o ouro das profundezas. O preço ainda não era exatamente aquele do dia da primeira chuva, porém, estava melhor que um ano antes, quando a deflagração de uma pequena mas muito anunciada guerra tinha abalado um pouco o mercado. O conflito armado não causou tanta insegurança — fator determinante no mundo dos investimentos — quanto a chuva de ouro, porque as bombas eram previsíveis e controláveis a ponto de serem um bom investimento. Mesmo após tanto tempo, a fé no retorno da chuva só crescia, seu caráter errático apenas reforçava a aura de milagre. Alguns ilustres seguidores criaram, até mesmo, uma nova denominação cristã chamada *regianismo*. Os líderes da nova igreja, que fundou templos em diversos dos bairros escolhidos, questionavam a autoridade e a propriedade do Estado sobre o ouro do céu — as

oferendas de Deus, o Rei Poderoso, eram destinadas aos seus fiéis e seus sacerdotes — , portanto, as novas leis iam contra sua liberdade de credo.

Os fiéis estavam certos, mas nos lugares errados. A terceira chuva desabou nos primeiros dias de agosto, sete meses depois da primeira e a sete mil quilômetros à leste da segunda. Durante o período de dois meses, o oriental hemisfério norte foi abençoado com dez chuvas em cinco diferentes países e nove cidades, nunca no mesmo local. Ácido e ouro em todas, granizo em três delas, sete ao entardecer, uma ao amanhecer, uma quase ao meio dia e uma que caiu como se caíssem as estrelas, numa noite sem lua e sem fim. Com essa longa série de eventos, puderam descobrir que a água das pedras de gelo também continha partículas de ouro, que as nuvens régias eram fortemente eletromagnéticas e que as pessoas, desarmadas e desgraçadas, eram capazes de enfrentar tiros e tanques, quando se trata de ouro caindo do céu.

Tudo se repetiu, igual e diferente. Mesmas lamúrias, mesmas queimaduras, mesmo sangue, embora em maior quantidade. Tudo estava lá, do outro lado do mundo, para ser comparado. Os novos equipamentos não eram muito impressionantes, como imensos guarda-chuvas invertidos, que garantidamente resistiriam ao ácido, enquanto filtrariam o ouro. Não foram poucos os que, quando desenganados, lamentavam que ouro não era atraído pelos seus grandes imãs recém adquiridos. No entanto, os meses de preparação inconsciente, temperados pelas histórias, lendas e relatos pessoais, cozinham novas atitudes perante a chuva. Um grande misticismo envolvia a espera, o ouro já não tinha apenas valor econômico, era sagrado e milagroso. Para os mais devotos, o ácido era purificador, muitos expuseram-se intencionalmente, pois seriam os seus pecados que queimariam e, se morressem, iriam direto para os céus. Os poucos homens que se ofereceram nus e inteiros ao ácido, alcançaram os seus fins. Uns cobriam só o rosto e deixavam o torso à mostra, outros reservavam pequenas áreas do corpo para as queimaduras, uma parte do braço, da perna, uma das mãos. Centenas de membros paralisados e deformados, por uma grande variedade de doenças, foram queimados em busca de cura. Olhos já cegos, voltariam a ver. Os espetáculos de auto suplício ofuscaram as cenas corriqueiras de tortura alheia. Homens cobertos e protegidos seguravam os rostos das mulheres, que chamavam de suas, sob a chuva. Crianças doentes debatiam-se como quando precisam de injeções, ao receber pequenas doses de ácido, quase sempre nos pezinhos, recomendadas pelos guias espirituais. O ácido deveria cair sobre a testa para os casos de moléstias não claramente físicas, das crianças que não falam, ou quando o fazem só gritam e se repetem, que percebem coisas, luzes e barulhos que não existem, que balançam pernas e cabeça sem motivo e sem parar, que se agitam e se incomodam mais que o normal e uma miríade de sintomas inexplicáveis e insuportáveis, sobretudo, para os adultos que delas devem cuidar.

Soldados usavam gases venenosos e jatos de água e de tinta para conter e marcar os seguidores da chuva e outros coletores mais pragmáticos. Outras autoridades, militares e uniformizadas ou não, utilizavam diversos tipos de projéteis mais sólidos. Apesar das rigorosas medidas de controle—antes, durante e depois de cada evento—e das inúmeras mortes delas decorrentes, ainda foi impossível conter a imensa população que ocupou as áreas abençoadas. Após as duas primeiras chuvas do novo ciclo, inúmeras pessoas finalmente acertaram os locais onde deveriam esperar. Não porque a capacidade de previsão fosse muito melhor que há

sete meses, e sim por causa da infinidade de gente, fossem quantos fossem os que errassem, ainda havia milhões acertando— apenas um genocídio, e talvez nem isso, poderia conter aquela massa de desesperados e, ao mesmo triste tempo, esperançosos miseráveis. A despeito da imensa fé, a maioria das mulheres, crianças e outros coletores mais frágeis não conseguia vender nenhum grão de ouro. Todo pó que colhiam era roubado, amiúde pelos próprios compradores em potencial. Não havia a quem denunciar, porque ir à polícia seria confessar o crime de ter se apropriado do ouro do Estado. Ladrão que rouba ladrão— todos sabiam o fim do axioma, fossem justos ou injustos, bons ou maus, soubessem eles o que significa axioma ou não.

Quando caiu pela primeira vez, a chuva régia não tinha nome e por isso precisou das cores, em forma de nuvens e espectros; precisou da ameaçadora escuridão, sombra contra a luz que lhe fez a atmosfera; precisou dos ventos e raios solares para trazê-la e apresentá-la; precisou da água, arquétipo da naturalidade de cair do céu; precisou do cloro e do nitrogênio em sua abundância incomensurável; precisou do ouro, sacrificando a preciosidade de ser raro; precisou do gelo para lhe dar o peso que o pó disfarçava; precisou dos cientistas, historiadores e outros narradores; precisou de testemunhas e vítimas. Era recente e carecia de nome, era apenas uma chuva qualquer e para existir precisou que lhe apontassem o dedo e dissessem: “É ouro!”. Que anunciassem em gritos lancinantes: “É ácido!”. E que explicassem à exaustão — palavra por palavra, fato por fantasia — o inexplicável.

Um ano depois da primeira tempestade, o nome “chuva régia” era conhecido por todos e evocava um sem número de imagens, memórias, dores, notícias, histórias, anedotas, graças, profecias e informações. Para alguns, evocava cheiros e sons que tentavam esquecer. Pesadelos e sonhos, diferentes para cada um, claro, mas também muito iguais. O acontecido — passado — era apenas uma referência. A água da chuva cai sobre os seres e escorre para esgotos, rios e mar: mas não cai igualmente em todos, não percorre os mesmos caminhos, não obstante, desagua no mesmo oceano, aonde outras águas chegam por tão distintos percursos— águas e tempos diferentes que se tornam um oceano igual. Quando a chuva caiu pela décima terceira vez, já não precisava das cores, das dores, dos gritos e o ouro que trouxe já nem precisava do brilho — já tinha feito seu nome. Durante o segundo verão capricorniano da chuva régia, aconteceram quatro episódios, todos ao entardecer.

Os registros indicam que nesse mesmo ano o ouro começou a sair de moda. O dourado não favorecia o tom das peles que se devia ter. Nas passarelas do verão, a platina reinou absoluta. No solstício seguinte, a galvanoplastia em ródio, chamada banho negro, foi a sensação. E assim o ciclo se repetiria, com pequenas variações, por um longuíssimo tempo, pois o metal amarelo passou, aos poucos, a refletir um mau gosto associado a estilos datados e costumes primitivos, patriarcais e opressores: como coroas, alianças e ídolos. Os *regianistas*, aliás, foram acusados de idólatras e hereges, sendo rechaçados mesmo entre outras apóstatas denominações. Assim, o ouro passava a ser símbolo de práticas bárbaras, mentalidades limitadas e gostos simplórios. A brutalidade das imagens de mulheres e crianças queimadas à força pelo ácido era associada ao ouro. A cegueira do ácido, que acometia denotativamente milhares de pessoas, passou a ser uma metáfora recorrente para a ignorância das crendices que moviam os seguidores da chuva. A pior cegueira já não era a daqueles que nem chegam a saber que cegaram, mas a

“cegueira dourada”, que passaria a ser sinônimo da mais profunda e obscura estupidez.

Décadas sem chuvas régias não restauraram o preço e o status do ouro. Economistas e analistas de diversas áreas do conhecimento e do convencimento tentaram reverter a situação com argumentos que ficavam mais fortes a cada ano sem um novo episódio. Explicavam matematicamente como novas chuvas eram altamente improváveis e que, ainda se acontecessem, precipitavam quantidades de ouro irrisórias se confrontadas ao montante total das reservas nacionais e da circulação comercial. Além disso, as hipotéticas minas celestes eram ínfimas, em comparação às subterrâneas, conhecidas ou desconhecidas. Todavia, dados lógicos e objetivos não têm tanto impacto sobre o medo e as expectativas — que movem o mercado — quanto histórias narradas através de imagens marcantes. Assim, conforme passava, o tempo parecia consumir o brilho e a beleza do metal dourado, que embora materialmente idêntico a antes, agora parecia opaco. As portas dos paraísos passaram a ser restauradas em prata.

Antes de desaparecer da memória de todos os viventes, a chuva régia foi paulatinamente substituída, a cada morte e a cada nascimento, por algo menor, sem cheiro, sem dor, sem desespero, nem esperança. Novos livros e algoritmos substituíam os antigos e nessas trocas, desde as mais espaçadas até as radicalmente instantâneas, a chuva régia sempre diminuía em caracteres e *score*. Os manuais de história, de geografia, de física e de química foram alterados para incluir capítulos sobre o fenômeno e, depois, mudaram de novo e de novo, até que a chuva não passava de uma caixinha de curiosidades ou de um item na lista de complexas exceções às Leis de Stokes e de Henry. Apenas na ficção, a chuva crescia: as descrições tornavam-se maiores, mais ricas, mais livres, mais fantasiosas, mais belas— a chuva não seria olvidada. Filmes, quadros, animações, artes digitais, romances, contos, poemas e muitos outros ressuscitam a chuva do seu torpor, mas a cada ressurreição ela se transmutava em algo outro que atendia pelo mesmo nome. Até que, tempos depois, as expressões “*golden hour*” e “hora dourada” se popularizaram, já não pertenciam à classe de artistas e diletantes. Enquanto expressões como “bater o ponto” continuavam restritas a uma pequena maioria de indivíduos, “*golden hour*” se tornou vulgar e estreitamente ligada a outra expressão idiomática, usada então para se referir às chuvas de verão que caem ao entardecer: “chuva régia”. Ninguém se esqueceu que há muito tempo, supostamente, aconteceram chuvas ácidas de ouro. Mas ficou esquecido que, um dia, a “hora dourada” chamava-se assim apenas por causa da luz e não do ouro.

Acabaram os cem anos de perdão para os que mataram e brutalizaram em nome do ouro celeste — fossem governantes aguardando às portas do céu ou ladrões, às portas do inferno. A essa altura, já não se exibiam e nem mesmo se escondiam as cicatrizes régias. As únicas que restavam num corpo vivo, eram as de uma mirrada centenária, mulher que havia sido pequena e frágil por toda a vida e que, contrariando as naturais previsões, sobreviveu aos fortes filhos que gerou e atravessou o século com a delicadeza imperceptível dos segundos, esses ínfimos fragmentos de tempo que preenchem o infinito. Os anos lhe subtraíram os poucos músculos e muitas das memórias, mas lhe deixaram algo, porque enquanto andava descalça, encolhida sobre si e curvada sobre a bengala, entre os pequenos bisnetos e tataranetos, e esses perguntavam-lhe o que havia causado as horrendas cicatrizes em ambos os pés, ela sempre respondia com uma história diferente. Escondidas em

aberto, as régias cicatrizes transmutavam-se, entre risadas e caretas sinistras, em marcas de nascença, que revelavam que ela era uma bruxa; ou em marcas de quando ela, como os faquires, andava sobre as brasas; ou de quando o vulcão do seu antigo país havia entrado em erupção e ela precisou fugir correndo sobre a lava; ou de quando trabalhou no circo como assistente de mágico e deveria desaparecer numa fogueira. Para os filhos e netos mais velhos, porém, a história de alerta era sempre outra, sempre a mesma, uma vez que, deixar de ouvir os contos infantis para conhecer o verdadeiro horror pela qual a matriarca passara, acabou se tornando um ritual de passagem para a idade adulta: havia sido um patrão, terrível, que não lhe pagava, mas não a deixava ir embora e queimou-lhe os pés com óleo fervente, para que não saísse nunca de junto da máquina de costura. Para as filhas e netas mais velhas, o ritual era outro: contava do primeiro marido que havia lhe queimado os pés com óleo fervente para impedir que fugisse das suas lascivas crueldades. Ela mesma talvez não lembrasse de quando sua mãe, em prantos, segurou seus pés sob a chuva, orando para que ela, tão mirrada, tão doente, vivesse uma vida longa e boa.